

A Terra Clama

Sob a nuvem cinzenta do céu ferido,
Gritos silenciosos rasgam a noite,
Florestas tombam ao machado atrevido,
Rios lamentam o veneno que o encobre.
A urgência pulsa no ar sofrido,
Um eco sufocado, a ignorância invade.

O fogo dança em florestas outrora verdes,
Línguas flamejantes devoram o chão,
As aves fogem, e o homem se perde,
Na ganância que fere a criação.
Cicatrizes cruas que a terra herda,
Um legado de dor em combustão.

O gelo chora nos polos partidos,
Mares e Rios se erguem em ondas de rancor,
Cidades inteiras serão esquecidas
Se o homem não aquietar o dominador.
A ganância cobre olhos e ouvidos,
Mas o tempo grita em seu clamor.

Em desertos que avançam sem piedade,
A vida esconde-se com medo da devassa,
O vento traz poeira em tempestade,
Um deserto onde a esperança passa.
Mas há sementes de responsabilidade
Que aguardam o toque que as abraça.

Ó, filhos da terra, ergam-se em prantos,
Unam as mãos contra a destruição,
Que os erros não sejam mais encantos,
E o futuro não seja só aniquilação.
Que os atos de hoje nos despertem
Do descaso que semeia extinção.

Na junção do homem e da natureza,
Um pacto sagrado deve renascer.
Do caos brota força e, na incerteza,
Florescem promessas de um novo viver.
Que a poesia guie nossa nobreza,
E o amor à Terra possa prevalecer.